

A REPRESENTAÇÃO DO MARGINAL EM *CIDADE DE DEUS* DE PAULO LINS

Aline Teixeira da Silva Lima¹

“O que todos nós parecemos temer (...) é o abandono, a exclusão, ser rejeitado, ser banido, ser repudiado, descartado, despido daquilo que se é, não ter permissão de ser o que se deseja ser”.
Zygmunt Bauman

RESUMO: Neste artigo, pretendemos analisar a autorrepresentação em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, a fim de destacar elementos que problematizam essa construção, como as tensões causadas ao se questionar como esse narrador, que fala de uma perspectiva interna, está se posicionando em relação a quem ele representa.

PALAVRAS-CHAVE: marginal, autorrepresentação, legitimidade, Paulo Lins.

Em extensa pesquisa desenvolvida por Regina Dalcastagnè (2008) sobre a personagem do romance brasileiro contemporâneo entre 1990 e 2004, verificou-se a ausência de certos grupos sociais na nossa literatura, como mulheres, crianças, velhos, homossexuais e, principalmente, do pobre e do negro. Percebe-se, portanto, que esses grupos marginalizados estão sendo sub-representados na literatura brasileira. Devido ao fato de a obra literária ser a representação da forma social, podemos afirmar que a exclusão desses grupos se dá primeiramente no âmbito social em geral. Entretanto, mesmo sendo pouco representados nas narrativas brasileiras, encontramos autores que buscam falar em nome desses grupos marginalizados.

Como a arte é uma maneira de falar do mundo e o escritor é quem faz essa ponte (entre a forma objetiva e a forma literária), é importante nos determos no perfil desse sujeito que fala, pois é por meio dele que o mundo é filtrado. Devemos observar, portanto, a perspectiva pela qual essa pessoa vê o mundo e como é sua relação com seu objeto de fala, especificamente, neste trabalho, com os grupos marginalizados. Ao dar voz ao excluído, esse narrador está lhe garantindo o direito de falar ou apenas confirmando essa exclusão? Tendo em vista que a literatura é a voz que media os diálogos dos contrários sociais e, ao mesmo tempo, toma parte de ambos os lados, pois explicita, evidenciando a fala do excluído, mas também reforça a sua condição de opressão, operando dialética e simultaneamente com a mudança e a manutenção da estrutura social, a sua instrumentalização e a emancipação do indivíduo, há alguma mudança quando quem fala faz parte do grupo sobre o qual se fala? Refletiremos sobre

¹ Mestranda em literatura na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: alinetslima@hotmail.com

essas perguntas ao longo do artigo acerca da figura do marginal na obra *Cidade de Deus* de Paulo Lins.

Paulo Lins possui uma perspectiva interna em relação a quem fala no texto e em nome de quem se fala, ele dramatiza de dentro do cotidiano periférico, representando o excluído. Representar, voltar a apresentar, reconstruir uma nova realidade é algo que se faz a partir do social, onde encontramos uma cultura compartilhada por determinados grupos. A representação integra esses diversos indivíduos num campo social coletivo. Paulo Lins, Ferréz, entre outros autores, representam esse coletivo, em especial, os grupos marginalizados, os quais não podem falar por si, ou por não terem autoridade ou legitimidade, ou simplesmente por acharem que não podem fazê-lo.

Percebe-se uma tensão quando esses grupos marginalizados se autorrepresentam, isto é, quando o excluído deixa de ser objeto da fala do outro para se tornar sujeito da sua própria fala. De acordo com Dalcastagnè,

o outro (mulheres, pobres, negros, trabalhadores) está, em geral, ausente; quando incluído nessas narrativas, costuma aparecer em posição secundária, sem voz e, muitas vezes, marcado por estereótipos. Daí a tensão presente em textos de escritores e escritoras provenientes de outros segmentos sociais, que têm de se contrapor a essas representações já fixadas na tradição literária e, ao mesmo tempo, reafirmar a legitimidade de sua própria construção (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18).

A carência de legitimação no discurso desses grupos se deve ao fato de haver, na história literária, uma hegemonia social de autores brancos, masculinos e economicamente bem posicionados. Paulo Lins pode ser considerado uma exceção dentro do campo literário, já que não se encaixa nesse perfil, pois é negro, oriundo de outro estrato social, apesar de ser graduado.

Paulo Lins possui legitimação e autenticidade para falar em nome do pobre e do favelado. A autenticidade lhe é conferida por ter vivido, estudado e pesquisado (com Alba Zaluar²) o ambiente e as pessoas das quais ele fala. Ele ter sido morador da zona oeste carioca e ter, portanto, presenciado o dia a dia da favela garante a verossimilhança da narrativa. Sua legitimação provém da editora que publicou o livro, Companhia das Letras, a qual estampa a palavra “romance” logo abaixo do título na folha de rosto, do aval do crítico literário Roberto Schwarz e da assinatura da antropóloga Alba Zaluar na orelha do livro, em que ela ratifica a importância da presença de campo de Paulo Lins para a escrita de sua obra.

²O projeto nomeado ‘Crime e criminalidade no Rio de Janeiro’ resultou no livro *A máquina e a revolta*.

Apesar de sua narrativa ser um painel do crime da favela carioca Cidade de Deus, como o próprio autor deixa claro em um fragmento da segunda parte do livro, quando o narrador está divagando sobre suas memórias de infância e de repente as interrompe com reticências e acrescenta: “Mas o assunto aqui é o crime, eu vim aqui pra isso...” (CD p. 24), não há grandes discussões a respeito de *Cidade de Deus* ser ou não literatura, pois Paulo Lins já foi legitimado para representar nossa tradição literária e cultural, tendo em vista que a valoração de uma obra depende de como o campo a recebe. De acordo com Terry Eagleton,

não existe uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa em si, a despeito do que se tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso. ‘Valor’ é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos (EAGLETON, 2006, p. 17).

A literatura é aquilo que um determinado grupo (os agentes literários), de tempos em tempos, diz que é ou que não é. O peso maior da legitimação atribuída a Paulo Lins não vem da obra em si, mas dos agentes literários (a editora, Alba Zaluar, Roberto Schwarz, as críticas e os trabalhos acadêmicos sobre a obra), os quais endossaram sua narrativa e o incluíram no campo literário.

Vilma Arêas afirma que

o que faz toda a diferença em *Cidade de Deus*, do ponto de vista literário, é que a afirmação da violência, a tensão desesperada e as formas espectrais e desgarradas, delirantes pela fome ou pela droga (identidades na melhor das hipóteses coladas aos heróis televisivos), sejam narradas a partir de um ponto de vista interno e de classe, colhidas em muitas perspectivas e representadas a partir de distâncias diferentes, que refluem para a voz que narra (ARÊAS, 2007, p. 588).

Apesar dessa legitimação que Paulo Lins ostenta para falar de uma perspectiva interna dos grupos marginalizados, pode-se observar um abismo entre o narrador (em 3ª pessoa) e as personagens. Eduardo de Assis Duarte declara que “*Cidade de Deus* perverte a pureza monológica e grandiloquente da epopeia para se fazer romance no qual soam bem alto as falas da periferia” (ASSIS, 2007, p.592). Porém, encontro nessa afirmação alguns problemas.

Em primeiro lugar, praticamente todas as personagens do livro são bandidos (podendo esses ser diferenciados apenas pelo grau de crueldade que apresentam), assim, é complicado dizer que há várias falas, como Assis afirma. Podemos dizer que há uma voz da periferia representada em *Cidade de Deus*, a do bandido. Contudo, a periferia não é composta apenas por bandidos, mas também por mulheres, trabalhadores, velhos, crianças... Se essas vozes fossem representadas, poderíamos usar a expressão falas da

periferia, no plural, mas como não é o caso, considero a afirmação de Eduardo de Assis Duarte uma generalização, já que, na obra de Lins, a variedade em relação às personagens é pequena, tendo em vista que ele só mostra a perspectiva do bandido. Stuart Hall afirma que o sujeito pós-moderno que antes viveu possuindo uma identidade unificada e estável, está se fragmentando e agora seu composto não é de apenas uma identidade, mas de várias (HALL, 2006). Esse sujeito possui um mundo a sua escolha, cabe a ele absorver o que a pós-modernidade tem para lhe oferecer, ou seja, podemos adquirir a identidade que quisermos, na medida em que elas nos forem dadas. As personagens em *Cidade de Deus* não desfrutam desse livre-arbítrio na escolha de suas identidades. Elas lhe são impostas, pois, na narrativa, quem nasceu negro, pobre e favelado será bandido, não importando o que esse indivíduo ambicione. Há um trecho no livro que exemplifica bem essa afirmação. Buscapé trabalhava em um supermercado fora da favela. Certo dia, alguns meninos da Cidade de Deus cometeram um furto no supermercado e ao saírem cumprimentaram Buscapé. A saudação foi presenciada pelo gerente que ao se dar conta do furto despediu Buscapé, alegando que esse ajudou os meninos a praticarem o crime, ou seja, se ele é da favela, é bandido como todos os outros. Paulo Lins representa mais um grupo (de bandidos traficantes) que o cotidiano individual do favelado carioca.

Outro aspecto a ser considerado sobre a autorrepresentação em *Cidade de Deus* é que Paulo Lins representa o bandido, o pobre, o negro, o excluído, entretanto, apesar de compartilhar os três últimos aspectos com suas personagens, não pode, obviamente, compartilhar o primeiro, sendo que este é o que mais está em evidência durante toda a narrativa. Paulo Lins também não se afastou do convencional ao representar a figura do negro. Na pesquisa feita por Regina Dalcastagnè (2008), aqui já mencionada, sobre as principais ocupações das personagens negras do romance brasileiro contemporâneo, 20,4% são bandidos. Outro ponto que o distancia do objeto narrado é a oralidade. Enquanto a fala das personagens contraria a todo tempo a gramática e é carregada de palavreado chulo, é perceptível na fala do narrador o uso da norma culta, a escolha de palavras e até poesia. “A ousadia de linguagem mais notável, no entanto, vem por conta de uma inesperada insistência na poesia” (SCHWARZ, 2007, p.570). Quando o narrador demarca essa diferença de linguagem, ele letrado e seu objeto de fala iletrado, ele o aproxima do pitoresco. Paulo Lins ocupa um entre-lugar em relação aos excluídos e intelectuais, visto que, apesar de sua origem, ele possui grau de instrução universitário, é pesquisador, escritor, poeta.

Apesar da construção simbólica de Lins evidenciar os princípios e valores da comunidade na qual suas personagens estão, ele não se afasta, em termos de linguagem e discurso, da escrita de um branco, de classe média, falando sobre o pobre, o favelado, o bandido, tendo em vista que este retrata o marginal exatamente nos moldes que temos em mente, ou seja, o imaginário popular sobre o grupo representado é reforçado. A favela, na obra, representa a desordem, com traficantes no comando, determinando quem vive e quem morre. A diferença da sua escrita é revelada em nível de estilo, pois na sua tentativa de articular a voz literária, seu discurso aparece muitas vezes como algo forçado, já que, além de um lirismo deslocado, a mistura da linguagem erudita do narrador com a chula do bandido não se harmonizam.

Roberto Schwarz afirma que "a narrativa de *Cidade de Deus* está longe do exotismo ou do sadismo da literatura comercial de assunto semelhante"³ (SCHWARZ, 2007, p. 568). Será? Com essa perspectiva do marginal que ele nos apresenta (os "bichos-soltos matando por algo muitas vezes insignificante, as crianças cada vez mais jovens se bandeando para o crime, a imagem bárbara do bebê sendo cortado em pedaços), Lins nos remete, como já afirmei, à imagem estereotipada do bandido compartilhada pelo senso comum.

Paulo Lins, como um escritor negro, de origem humilde, com uma voz 'autorizada', alcançou algo difícil logo no seu romance de estreia, conseguiu legitimação para sua obra, e assim pôde representar um grupo marginalizado, o qual é geralmente sub-representado nos mais diversos âmbitos sociais. Porém, respondendo às perguntas feitas no início deste artigo, agora voltadas para a obra *Cidade de Deus*, Lins, mesmo falando de uma perspectiva interna, não saiu do convencional, ou seja, ele não nos apresenta uma perspectiva diferente daquela que já temos em mente em relação ao grupo do qual ele fala. Lins deu voz apenas ao bandido, deixando de fora outros grupos minoritários que fazem parte da periferia. Tendo em vista que o ato de narrar é sinônimo de poder, pois o autor tem um instrumento em mãos capaz de formar opiniões e reforçar papéis sociais, a autenticidade de quem fala pelo outro deve ser questionada, devemos analisar como a representação ou a autorrepresentação nos é apresentada. Em *Cidade de Deus*, Lins nada mais fez, acerca de representação, que corroborar com os preconceitos enraizados no imaginário social brasileiro, em que o indivíduo que nasce pobre, negro e favelado está destinado à marginalidade.

³ Vilma Arêas também defende essa ideia.

Referências bibliográficas

- ARÊAS, Vilma (2007). “Errando nas esquinas da Cidade de Deus”, em Lins, Paulo. *Cidade de Deus*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- AUERBACH, Erich (1987). “A cicatriz de Ulisses”, em: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, pp 1-20.
- DALCASTAGNÈ, Regina (2008). “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Em: Dalcastagnè (org). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte.
- _____ (2008). “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”. *Estudos de literatura Brasileira Contemporânea*, nº 31. Brasília, pp 87-110.
- DUARTE, Eduardo de Assis (2007). “Sertão. Subúrbio: Guimarães Rosa e Paulo Lins, em Lins, Paulo. *Cidade de Deus*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras.
- EAGLETON, Terry (2006). *Teoria da literatura: uma introdução*. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes.
- HALL, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- LINS, Paulo (2007). *Cidade de Deus*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHWARZ, Roberto (2007). “Cidade de Deus” em Lins, Paulo. *Cidade de Deus*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras.
- YOUNG, Iris Marion (2006). “Representação política, identidade e minorias”. *Lua Nova*, nº 67, pp 139-90.